

ESCAVAÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA MISSÃO JESUÍTICO-GUARANI DE SÃO LOURENÇO (RS, BRASIL)*

Arno Alvarez Kern**

INTRODUÇÃO

O enunciado pelo qual este trabalho é intitulado, nos faz pensar inicialmente que o estudo da temática missioneira pouca coisa poderá acrescentar a um campo aparentemente tão desbravado, comentado e analisado. Entretanto, isto não é tão evidente quanto se poderia imaginar à primeira vista, neste setor da arqueologia histórica colonial. Para o pesquisador que procura atingir os seus objetivos iniciais e se aproxima da problemática das Missões dos Jesuítas e dos Guarani, as questões que vão pouco a pouco se colocando, são de uma grande complexidade e extremamente diversificadas.

A estas questões, é importante reconhecermos, não será possível apresentar respostas definitivas, por duas razões fundamentais. Inicialmente é necessário reconhecer que o conjunto documental no qual as respostas deveriam se legitimar, é extremamente incompleto. Existem ainda muitos documentos classificados nos arquivos, sem ter sido submetidos a nenhuma análise. Por outro lado, a documentação arqueológica se encontra *in situ*, na sua maior parte, à espera das escavações dos arqueólogos, como veremos a seguir.

Em segundo lugar, não podemos ignorar que talvez não seja possível responder a estas questões. Principalmente tendo-se em vista que, para serem corretamente colocadas e corretamente respondidas, ainda nos falta um instrumental mais eficaz. Isto significa uma abordagem que utilize os métodos da História, da Etnologia Histórica e da Arqueologia Histórica. Este método de abordagem multidisciplinar é o que propomos em nosso projeto de pesquisa sobre as Missões Jesuítico-Guaranis da região platina.

Este trabalho tem como objetivo a apresentação dos resultados de uma pesquisa de Arqueologia Histórica, mas não pode deixar de evidenciar uma visão de conjunto ao mesmo tempo histórica e etnográfica sobre a vida dos Guarani nestes povoados missionários controlados por espanhóis e jesuítas.

Os resultados preliminares dos trabalhos de arqueologia de campo e análises de laboratório, desenvolvidos de 1985 a 1987, nos evidenciam a riqueza destes sítios históricos e a complexidade dos estudos a serem ainda desenvolvidos. Em primeiro lugar, torna-se importante ampliar a pesquisa na documentação histórica escrita dos arquivos, para se obter mais dados sobre a vida dos indígenas e sobre este complexo processo de transformações culturais que mudou a vida dos Guarani. De guerreiros, instalados em aldeias neolíticas em meio à floresta tropical, eles se transformaram em vassalos do Rei da Espanha e se instalaram nos povoados missioneiros, sob a liderança de novos pagés, os jesuítas. Em segundo lugar, é de fundamental importância o conhecimento do maior número possível de fontes documentais arqueológicas, ainda enterradas nos escombros das ruínas destes povoados. Os vestígios arqueológicos são pouco conhecidos, ainda, na medida em que as escavações foram muito limitadas. Entretanto, recuperados estes vestígios, nós poderemos conhecer muito mais da vida econômica e sobre o desenvolvimento das técnicas desta fantástica transformação que leva os Guarani do neolítico ao Século XVIII e ao barroco.

Os documentos escritos pelos jesuítas nos contam diversas histórias sobre as Missões, a partir da ótica de europeus. Os documentos arqueológicos nos informam sobre a vida cotidiana dos indígenas sem as distorções ideológicas do branco conquistador. A confrontação entre os documentos escritos e os documentos materiais, portanto, é o ponto de partida de uma nova história, mais complexa e teoricamente mais verossímil, para explicar esta realidade histórica desaparecida no século XVIII.

Os métodos de abordagem não podem se limitar aos estudos dos historiadores, mas igualmente aproveitar as interpretações dos etnólogos e dos arqueólogos, em uma interdisciplinaridade que se impõe pela complexidade da documentação e da temática.

Uma grande parte das obras que foram escritas sobre as Missões dos Guarani, se limitaram quase sempre a uma análise interna estrutural da organização social.¹ Esta visão é sempre muito limitada, ignorando o contexto histórico, o ambiente natural, assim como os processos de mudança sócio-cultural destas comunidades indígenas. Os estudos históricos destes povoados podem adquirir perspectivas mais amplas e compreender melhor a sua significação se os pesquisadores levarem em conta as paisagens do ambiente natural, assim como o próprio meio social. Isto é, o panorama extremamente diversificado, composto por sociedades indígenas de caçadores nômades e de horticultores, e por esta imensa fronteira estabelecida pelas sociedades colonizadoras ibéricas.

A pesquisa nos mostra, em seus dados iniciais, que a tradição da cultura dos Guarani sobreviveu no interior dos povoados missioneiros platinos

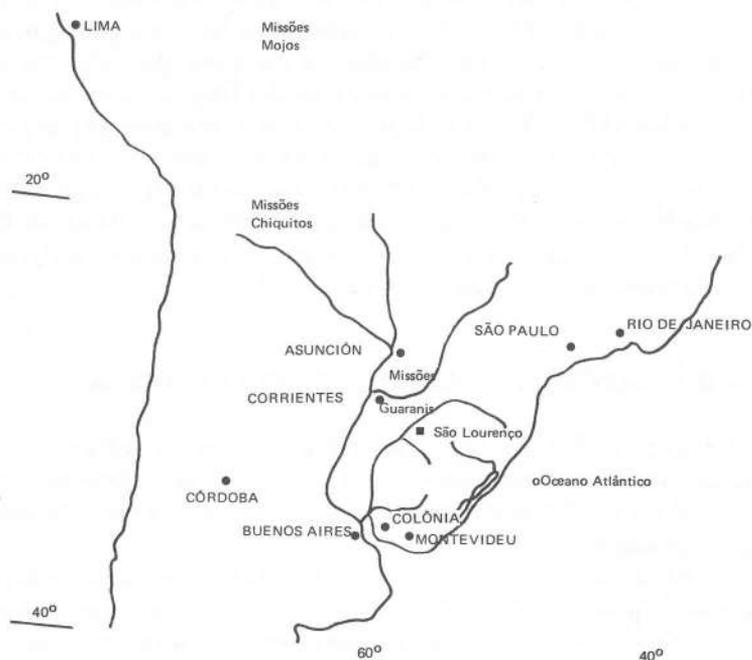


Fig. 01 – Localização das Missões dos Guaranis e de São Lourenço no contexto da região do Prata.

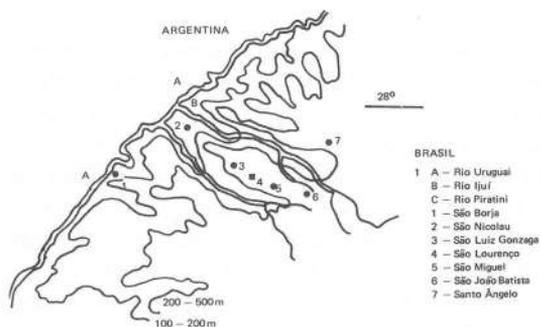


Fig. 02 – Localização das Missões Jesuítico-Guarani instaladas na margem esquerda do Rio Uruguai, no Brasil atual.

muito mais do que se poderia imaginar, a partir da documentação histórica e dos relatos dos jesuítas. Os indígenas continuam a lascar e a polir a pedra, a confeccionar a sua cerâmica e a trabalhar em seu artesanato tradicional. Esta contemporaneidade entre a cultura neolítica dos Guarani e a cultura européia dos séculos XVII e XVIII trazida pelos jesuítas, nos demonstram as possibilidades da pesquisa arqueológica, a meio caminho entre a pré-história e o barroco. Nos resta ainda a tarefa de descobrir os dados mais importantes desta transformação cultural que levou os Guarani a atravessar o patamar da Pré-história à História, da aldeia indígena ao povoado missioneiro com seu templo barroco, da organização tribal ao estado moderno.²

1. O AMBIENTE NATURAL E O CONTEXTO HISTÓRICO

A Região do Rio da Prata possui paisagens muito diversificadas, com suas respectivas flora e fauna. As sociedades indígenas ali estabelecidas estavam culturalmente adaptadas a paisagens específicas, no momento da chegada dos conquistadores.

Os grupos Guarani, originários da planície amazônica, migraram para a região platina aproximadamente há dois mil anos antes do presente, segundo as datações de Carbono 14 obtidas em escavações pré-históricas no Brasil. Os Guaranis se instalaram em paisagens semelhantes àquelas da Amazônia, ou seja, as florestas tropicais e subtropicais dos vales dos rios Paraguai, Paraná, Uruguai e Jacuí. Estabeleceram suas aldeias sobre colinas suaves, junto aos rios, e nas planícies próximas eles plantaram o milho, a mandioca, o algodão, o tabaco, o feijão e porongos, empregando o sistema de horticultura, em clareiras em meio à floresta.

Eles interromperam a sua expansão nos limiares das florestas, sem penetrar nas imensas planícies do Pampa, cobertas de um tapete de gramíneas e que se expandem em direção ao sul até a Patagônia. Neste ambiente caracterizado pelos vastos horizontes e paisagens abertas, viviam os caçadores nômades conhecidos como Charrua e Guaicuru. Os Guarani se limitaram a conquistar os vales úmidos e quentes das encostas do Planalto-Sul-brasileiro, que descem suavemente em direção às planícies, sem jamais subir há mais de 600 ou 700 metros de altura. Nas alturas do planalto, em meio ao frio e adaptados ao mosaico de campos e florestas de pinho Araucária, estavam instalados os Guainá, pertencentes ao grupo lingüístico Gê. Foi nesta paisagem florestal que lembra a Amazônia de suas origens, onde os Guarani se haviam instalado já há tanto tempo, que ocorreu o choque brutal destes indígenas com as frentes de colonização luso-espanhola nos séculos XVI e XVII. Inicialmente, chegaram os conquistadores armados e os escravagistas, mais tarde os francisca-

nos e os jesuítas. Uns traziam a certeza do genocídio e da escravidão, outros a esperança da cruz e do céu cristãos. Tanto uns, como outros provocaram uma imensa crise sócio-cultural que transformou a vida dos grupos sobreviventes, enquanto que certos grupos de nômades e de horticultores desapareciam da história para sempre.

Ao longo deste processo histórico, podemos colocar em evidência certos momentos mais importantes. Em uma primeira fase, as aldeias dos Guarani receberam as visitas dos missionários jesuítas que se deslocavam por toda a região em “missões volantes”, preocupados em batizar todos os indígenas. Os missionários logo se deram conta que este sacramento, fundamental no ritual cristão, não alterava em nada as estruturas tradicionais da vida dos grupos guaranis. Assim, numa segunda fase, se estabeleceram as primeiras Reduções. O termo significa o ato de “reduzir” os indígenas a um povoado (“Pueblo de Indios”) que se estrutura segundo as “Leyes de Indias” do Império Espanhol, e no qual diversos grupos deverão se reunir em torno de uma praça e junto a uma capela, para serem cristianizados e civilizados. Assim, um complexo processo de modificações culturais se iniciava nestes povoados, traçados segundo o plano urbanístico da Renascença. Finalmente, na última fase que se desenvolve ao longo do século XVIII, as Missões Jesuíticas platinas atingem o seu apogeu. Nos denominados Trinta Povos, imensas igrejas barrocas são construídas em pedra, a economia se desenvolve, a cultura adquire um impulso notável e o espaço destes povoados missioneiros se transforma em uma utopia de liberdade limitada para os Guarani, no seio de uma sociedade colonial escravagista.³ Para isto, os guerreiros guaranis tiveram que guardar a fronteira do Império Espanhol com suas armas tradicionais e armas de fogo cedidas pelos governadores locais, contra os invasores portugueses.

A fundação de São Lourenço e dos demais povoados missioneiros que se estabeleceram no sul do Brasil, pertence a este momento de crescimento na transição do século XVII para o XVIII. É um período de crescimento demográfico, de ampliação das estâncias e de desenvolvimento material. Os ataques dos bandeirantes se fazem cada vez mais raros no sul, mas em contrapartida, a partir de 1680 a coroa portuguesa inicia a ocupação militar do litoral sul brasileiro, com a implantação gradual de fortificações e de tropas militares. Para a coroa espanhola, as tropas guaraníticas e os sete povoados missioneiros da margem esquerda do Rio Uruguai desempenham um papel importante no decorrer da primeira metade do século XVIII.

Localizada em uma bela paisagem, sobre uma colina de 270 metros de altitude acima do nível do mar, a Missão Jesuítico-guarani de São Lourenço ocupa um espaço escolhido com muito cuidado o que evidencia um profundo conhecimento de toda a área. Na margem esquerda do Rio Uruguai, os últimos contrafortes do Planalto Sul-Brasileiro se sucedem na forma de eleva-

ções ainda de altura significativa, mas que se ordenam na paisagem na forma de colinas onduladas de relevos suaves, cortadas aqui e ali por arroios que escavam vales encaixados, deixando aflorar o arenito e o basalto. Nesta região, a floresta subtropical cede lugar, pouco a pouco, às imensas paisagens abertas do pampa. A flora e a fauna são ricas em espécies adaptadas aos campos, à floresta e aos rios.

O local privilegiado para a fundação de São Lourenço em 1690, foi o mesmo já escolhido para o estabelecimento, em 1687, das Missões de São Nicolau, São Luiz Gonzaga e São Miguel, qual seja, o imenso interflúvio que separa os vales dos rios Piratini e Ijuí. Estrategicamente situada, a área permitia uma defesa contra os bandeirantes de São Paulo e os portugueses instalados ao sul, na recém fundada Colônia do Sacramento. A instalação de São Lourenço se insere no mesmo processo de ocupação espanhola dos territórios orientais da bacia platina. Esta permanência espanhola se efetua nesta época através das estâncias de gado jesuítico-guaranis espalhadas pelos territórios do pampa uruguaio e do sul do Brasil, mas igualmente pela gradual expansão demográfica das populações guaranis. Desta maneira, São Lourenço foi fundada com os excedentes populacionais da Missão de Santa Maria Maior, da mesma maneira como São Miguel dará origem à vizinha povoação de São João. A população de indígenas Guarani que acompanham o jesuíta Bernardo de La Vega para estabelecer o novo povoado de São Lourenço, em uma bela colina situada entre São Miguel e São Luiz, possuem uma experiência de mais de meio século na implantação de “Pueblos de Indios” segundo as normas das Leyes de Indias e as concepções vigorantes na época, num plano urbanístico testado dezenas de vezes.

A população cresceu rapidamente, desde os 3.512 fundadores, atingindo 6.099 habitantes em 1733. Os rebanhos de gado da estância situada entre os rios Jacuí e Camaquã chegaram a 40.000 cabeças.⁴

A partir de 1750 o processo histórico sofre uma profunda alteração e os Trinta Povos iniciam sua etapa final. Os reis de Portugal e Espanha dividem entre eles os territórios do Prata Oriental, separando as terras dos Guarani em duas partes. Os sete povoados missioneiros da margem esquerda do Rio Uruguai devem ser entregues pelos indígenas aos inimigos portugueses. A revolta indígena termina em derrota no campo de batalha, com a morte de centenas de guerreiros, o incêndio parcial de alguns povoados e a invasão de tropas lusoespanholas. Expulsos os jesuítas em 1768, as Missões são pouco a pouco abandonadas, tornando-se ruínas perdidas em meio à floresta.

Em 1822, quando Saint-Hilaire passou por São Lourenço, o último cura espanhol, dentre os que haviam substituído os jesuítas se fora. A administração implantada inicialmente pelos espanhóis e posteriormente pelos portugueses expoliava os indígenas, transformava as índias guaranis em meras concubi-

nas, sem poder evitar a degradação do povoado. Quando as casas tombaram em ruínas, em volta da praça, a população buscou abrigo na residência dos jesuítas. Mais para o final do século, Avé-Lallemant e Heremetério Silveira nos descrevem a morte do povoado e a sua transformação em mera fonte para a obtenção de materiais de construção para os novos colonizadores da região.⁵

2. O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E DESTRUIÇÃO: SÃO LOURENÇO SE TRANSFORMA EM SÍTIO ARQUEOLÓGICO

Os sítios arqueológicos missioneiros nada mais são do que os resíduos materiais resultantes do povoamento dos séculos XVII e XVIII. Transformados em remanescentes arquitetônicos, em níveis de ocupação com restos de objetos em graus variados de degradação e mesmo com camadas naturais de deposição orgânica, estas evidências arqueológicas nos demonstram os estágios de decadência, os efeitos da natureza (clima, fauna, flora) e as ações antrópicas de destruição e roubo. Possuímos informações bastante incompletas sobre as diversas etapas do processo, desde a construção e a posterior destruição, até a situação atual. A documentação histórica da época, o relato dos viajantes do século XIX e, mais recentemente, as análises dos arquitetos sobre as estruturas remanescentes das construções, são auxiliares importantes na tarefa do arqueólogo, mesmo que sejam estudos e narrativas muito pontuais e de qualidade extremamente variada. A análise do processo construção/destruição nos permite uma leitura em dois sentidos: o primeiro partindo da estratigrafia arqueológica encontrada até a reconstituição idealizada da situação original no momento da construção; o segundo, dos dados conhecidos sobre os povoados missioneiros e a gradual degradação dos conjuntos, até o momento da chegada do arqueólogo e sua interpretação sobre os vestígios encontrados no momento das escavações.⁶

As ilustrações apresentadas apenas evidenciam de uma maneira muito simplificada o processo complexo de gradual transformação do povoado missioneiro de São Lourenço em sítio arqueológico, a partir do exemplo de uma das salas da residência dos jesuítas (sala 4), escavada integralmente. A sala é apresentada em perspectiva, mas sem a presença da parede oeste para permitir a visualização do interior.

a) Fase de construção (Fig. 03)

Duas trincheiras são escavadas no sentido leste/oeste, diretamente no latossolo de argila avermelhada e nelas se instalam as fundações largas que sustentam as paredes voltadas para o norte (pátio da residência) e para o sul

(quinta). As paredes são compostas de duas fileiras de pedra basáltica (“itacuru”), talhadas de tal maneira que externamente apareça uma face plana, enquanto que no interior destas as pedras se encaixam por arestas em forma de cunha. O barro e fragmentos de pedras preenchem os espaços vazios.

As superfícies das paredes, segundo evidência arqueológica encontrada, poderiam ser cobertas por uma espécie de tinta (?) feita com carapaças moídas de moluscos, pelo menos naquelas voltadas para o interior do aposento. A parede sul possui duas aberturas (porta e janela gradeada) e a parede norte aparentemente apenas uma (outra porta), todas talhadas em arenito proveniente da região. Janelas e portas eram feitas de madeira. Ambas as portas possuíam soleiras talhadas em arenito com pequenas saliências acima do piso, de maneira a evitar que o vento jogasse para o interior da sala a chuva caída sobre os alpendres. A estrutura do teto é composta por traves e caibros de madeira que sustentam um telhado de telhas coloniais. Os alpendres ao norte e ao sul são ornados com colunas monolíticas de arenito.⁷ Ladrilhos cerâmicos de diversas formas (quadrados, retangulares, hexagonais, etc.) revestem a sala e os alpendres. Os ladrilhos foram colocados sobre um contrapiso de areia cinza, trazida das proximidades das vertentes da encosta da colina, e este sobre uma base de saibro grosseiro, formado pelos resíduos da talha das pedras de basalto que compõem as fundações e as paredes. O nível de ocupação da sala é superior ao dos alpendres, os quais por sua vez se encontram acima dos níveis do pátio e da Quinta.

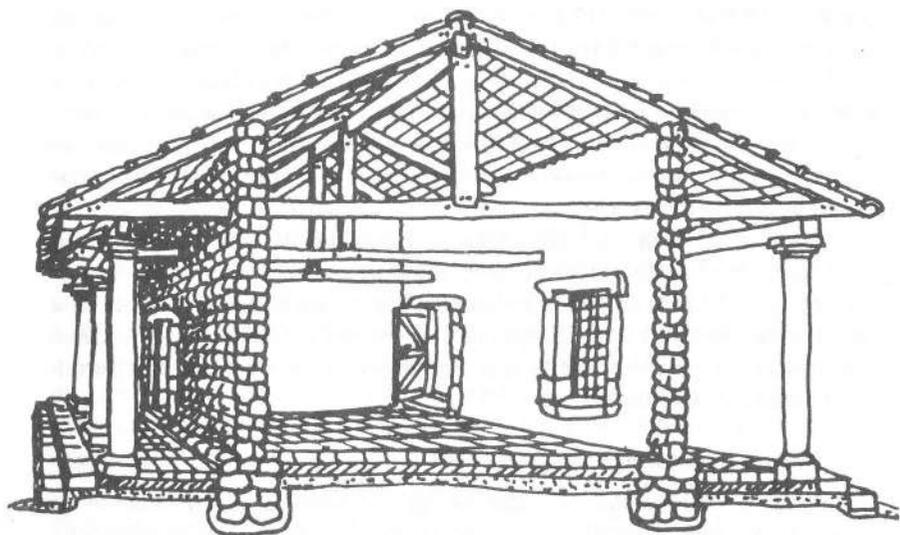
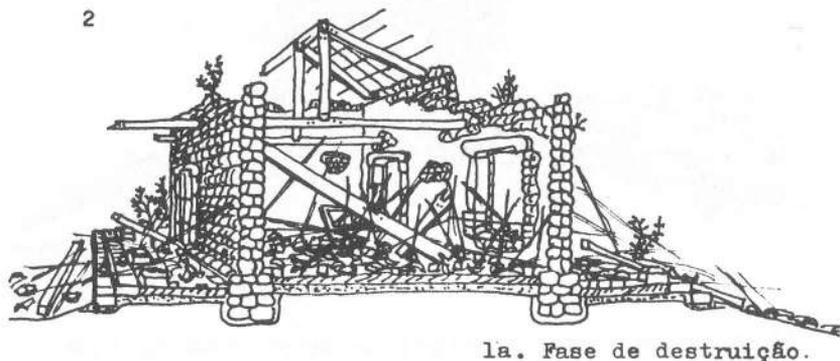


Fig. 03 – Fase de construção.

b) Primeira fase de destruição (Fig. 04)

Após a expulsão dos jesuítas os prédios do povoado não são mais conservados pelos últimos habitantes e mesmo a igreja, que sobrevivera às destruições da Guerra Guaranítica, termina por se incendiar. A residência dos jesuítas é o único prédio a ser ainda ocupado em meados do século XIX. Entretanto, as colunas dos alpendres e os ladrilhos da sala são roubados e desaparecem. A estrutura do telhado não pode mais se manter, sob o peso das telhas que não são mais substituídas quando quebram, permitindo a passagem da chuva e o apodrecimento do madeirame. Telhas, caibros e traves caem diretamente sobre o solo, onde poucos fragmentos de ladrilhos e raros objetos jazem abandonados, aos quais vêm se acrescentar os cravos e pregos do telhado. A queda de algumas traves do telhado deve ter deslocado muitas das pedras da parte superior das paredes. As águas da chuva começam a penetrar pelos interstícios internos das paredes, provocando o desaparecimento do barro utilizado em lugar do cimento. Isto faz com que as paredes permaneçam em equilíbrio precário, com as pedras soltas podendo cair a qualquer momento. A tinta (?) branca que cobre as paredes pouco a pouco se desagrega devido à fragilidade de sua composição orgânica. A grade da janela desaparece, deixando como evidência de sua existência anterior os orifícios de encaixe, colocados regularmente um após o outro no marco de arenito da janela. As portas de madeira desaparecem, restando no chão apenas a fechadura.



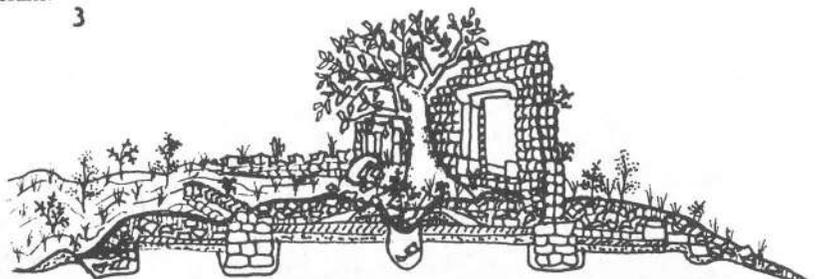
1ª. Fase de destruição.

Fig. 04 - 1ª fase de destruição.

c) Segunda fase de destruição e vestígios arqueológicos remanescentes *in situ* (Fig. 05)

Com o desenvolvimento recente da ocupação da região, pouco a pouco as pedras são levadas embora, seja para a construção de novas casas, seja para a sua utilização em obras públicas. Foi assim que foram roubadas todas as pedras do alpendre norte, junto ao pátio da residência, e quase toda a parede da sala, deste mesmo lado, restando apenas a sua fundação e as primeiras fileiras de pedras da parte inferior. As pedras das paredes leste e oeste igualmente desaparecem. Muitos blocos de basalto caíram sobre os restos do telhado, tanto no interior da sala como nos alpendres, o que é explicado pela estratigrafia, na qual as telhas se encontram abaixo das camadas de pedras caídas. A parede sul também desaba parcialmente ou é derrubada. O grande bloco de arenito que formava a parte superior da porta cai para o interior da sala, enquanto que um dos blocos de arenito da lateral da janela desaparece. No meio da sala, caçadores de tesouro escavam um enorme buraco, jogando para o lado em ordem inversa as camadas que pouco a pouco vão escavando. A vegetação recobre tudo, formando uma camada de terra orgânica por cima de toda a estratificação. Finalmente, a árvore que é companheira inseparável das ruínas missionárias, o umbu, se instala junto à parede oeste, próxima à janela. É esta a situação no momento em que as pesquisas arqueológicas se iniciam.

3



2a. Fase de destruição e vestígios arqueológicos remanescentes "in situ".

Fig. 05 – 2ª fase de destruição e vestígios arqueológicos remanescentes *in situ*.

O processo de estratificação ocorrido ao longo do tempo fica claramente indicado no plano vertical que secciona as ilustrações. A base da estratigrafia é o solo virgem da região (latossolo de argila vermelha) oriundo do basalto em decomposição. Um poço teste aberto junto à parede norte indicou não apenas o tipo e as características das fundações, mas igualmente a base de saibro formada por fragmentos de basalto "itacuru" e o contrapiso de argila cinza, proveniente das encostas da colina. A decapagem realizada em toda a sala evidenciou o roubo dos ladrilhos cerâmicos, pois haviam muitos fragmentos esparsos e raros ladrilhos *in situ*. O buraco escavado por caçadores de tesouros no centro da sala foi transformado em poço-teste. Todo o solo estava coberto por centenas de fragmentos de telhas coloniais, pregos, a fechadura e dezenas de blocos de pedra caídos das paredes, principalmente acima do nível de telhas fragmentadas. Sobre todos estes remanescentes, a vegetação criou ao longo de seus ciclos naturais uma camada de humus. Acima de toda a estratigrafia, percebe-se: a base da parede norte com apenas uma fileira de pedras com suas cunhas aparentes; as bases das paredes leste e oeste; a excepcional parede sul, com sua janela quase completa e a abertura da porta menos encoberta que a outra da parede norte. Uma vegetação bastante espessa tudo encobria, antes da limpeza feita para o início dos trabalhos. O umbu era a única árvore de grande porte que estava instalada na sala 4.

3. TOPOGRAFIA E IMPLANTAÇÃO DO SISTEMA DE QUADRICULAGEM

O levantamento topográfico realizado no sítio arqueológico de São Lourenço se deve à colaboração da Primeira Divisão de Levantamento (DCE – IIIª Região Militar). Foram estabelecidos dois pontos cotados, inicialmente, o primeiro localizado no ângulo sudoeste da praça com 274m760mm de altitude acima do nível do mar, e o segundo na soleira da porta da igreja com 276m563mm. Posteriormente, diversos pontos cotados foram estabelecidos nas áreas que estavam sendo escavadas. As estacas do sistema de quadriculagem foram igualmente cotados.

Os sítios arqueológicos missionários ocupam áreas variáveis em função do maior ou menor número de habitantes. Se levarmos em conta ainda que na periferia do povoado existem currais, olarias, fontes de água e outros setores de atividades comunitárias, aumenta consideravelmente a área total. O sistema de quadriculagem implantado teve que levar em conta esta possibilidade de expansão da área escavada em todas as direções, além do fato de termos pela frente um sítio de aproximadamente 500x500m². Devido a estas considera-

ções, o sítio foi dividido por duas linhas retas transversais em quatro quadrantes, cada um deles concebido como uma área enquadrada entre duas retas que estabelecem um ângulo reto e que partem do *datum* zero ou ponto inicial, como se fossem os vetores de x e y do sistema de coordenadas cartesianas. Os quadrantes foram designados com o nome dos pontos cardeais para os quais se expandem e as respectivas letras: norte e N, sul e S, oeste e O, leste e L.

Cada quadrante foi por sua vez dividido em setores de 25mx25m, numerados por algarismos arábicos no interior de cada quadrante. Seguiu-se a ordenação das dezenas: de 01 a 10, de 11 a 20, de 21 a 30, etc., da linha de y para cima, e a numeração da primeira unidade da dezena até a última, partindo-se da linha de x e afastando-se dela. No caso de haver a necessidade de ultrapassar esta área delimitada em dez setores de 25 metros cada um devido a achados arqueológicos, refaz-se a numeração a partir da primeira unidade em diante, distinguindo-se da numeração anterior com o acréscimo de letras minúsculas para cada série de uma dezena de setores.

Cada setor poderá ser dividido em 25 quadrículas de um metro quadrado, designadas de maneira tradicional em arqueologia por letras maiúsculas e números arábicos. Subdivisões internas à quadrícula poderão ainda ser designadas com letras minúsculas.

Desta maneira, cada achado arqueológico será imediatamente relacionado espacialmente a uma quadrícula, a um setor e a um quadrante, como por exemplo, S 11 B7. Se o sistema resolve o problema de localização de cada achado na imensa área do sítio arqueológico, por outro lado, não se pode negar que torna mais complexa a designação dos achados, o que sempre é motivo para aumentar a margem de erro no preenchimento de etiquetas, diárias de campo, etc. Entretanto, este sistema parece ser por enquanto o mais adequado para o tipo de sítio.

O PI ponto inicial do sistema de quadriculagem foi implantado mediante uma estaca de cimento com uma haste de ferro no seu interior, aflorando na parte superior para indicar o ponto zero e a cota topográfica do sítio. As linhas que demarcaram os quadrantes possuem estacas de madeira pintadas de preto colocadas a intervalos de 25 metros, enquanto que as estacas que demarcam os setores no interior dos quadrantes foram pintadas de vermelho. Todas foram enterradas de maneira a aflorar apenas a parte superior dos trinta centímetros de seu comprimento, na qual um prego enterrado até a cabeça indica a exata intersecção das linhas de delimitação dos setores e ao mesmo tempo indica um ponto cotado em altitude.

As quadrículas são indicadas por estacas metálicas finas, pintadas de vermelho e preto a cada 10cm, possuindo um anel na extremidade superior pelo qual passam as cordas que servem para delimitar espacialmente cada metro quadrado da escavação. Estas estacas metálicas podem igualmente ser

usadas para delimitar quadrículas de 2mx2m, de 5mx5m, bermas de 1m, etc., em função das necessidades da escavação. No caso de decapagem de grandes superfícies, as quadrículas de metro quadrado são indicadas por cravos com a cabeça colorida, encravados no solo, de maneira a se manter desobstruída a área escavada.

4. COLETAS SUPERFICIAIS

O sítio de São Lourenço, em grande parte, está sendo ocupado por particulares que ali plantam soja, trigo, milho, etc. Nesta área, a mecanização da lavoura está destruindo rapidamente os vestígios arqueológicos de São Lourenço, principalmente no espaço das casas dos índios. Desta maneira, os vestígios ósseos se decompõem, tornando-se inclassificáveis, os fragmentos cerâmicos se reduzem a minúsculos pedaços o que torna impossível a reconstituição das formas. Devido a isto, decidiu-se realizar prospecções sistemáticas por escolha qualitativa, em áreas localizadas em torno da praça e a oeste do pátio dos artífices.

A metodologia utilizada foi a da coleta sistemática qualitativa. A área foi dividida em longos retângulos de aproximadamente três metros de largura, percorridos por um pesquisador que procura à esquerda e à direita, recolhendo os vestígios considerados do ponto de vista qualitativo: todos os tipos de fragmentos de recipientes cerâmicos, mas não todos os fragmentos de um mesmo tipo, por exemplo; todas as evidências de utensílios em metal, todos os vestígios de vidro ou de louça européia; do material lítico, só os tipos bem definidos. Recolheu-se igualmente todos os tipos de pedras. Dentre as telhas foram recolhidos exemplares de tipos definidos e fragmentos evidenciando marcas especiais (uma impressão de polegar, por exemplo inscrições, tais como cruzeiros, letras, traços, etc.).

Todas as coletas foram registradas, tanto por uma documentação fotográfica como por um registro escrito designando as áreas de coleta, descrevendo os vestígios encontrados, as equipes de trabalho.

As coletas serviram para evidenciar a riqueza de vestígios arqueológicos das áreas de casas de índios, algumas vezes desprezadas por não apresentarem estruturas em pedra como as da igreja e da residência dos padres. Por outro lado, ficou evidente a riqueza e variedade dos vestígios arqueológicos encontrados, reunindo elementos da cultura indígena e da cultura européia em um extraordinário conjunto cultural.

5. SONDAGENS

Diversas sondagens foram realizadas em todo o sítio arqueológico de São Lourenço, visando aprofundar o conhecimento sobre a estratigrafia e a distribuição espacial dos vestígios.

No interior da igreja foram realizadas pequenas sondagens visando detectar os pisos ainda subsistentes, a estratigrafia e a possível localização de sepulturas de jesuítas junto ao altar mór. Foram evidenciados alguns trechos de pisos constituídos por pequenos ladrilhos hexagonais. Para evitar a sua possível destruição pelas variações climáticas ou pela ação de visitantes ocasionais, os pisos foram mantidos encobertos. Duas trincheiras (T1 e T2) foram abertas junto à parede oeste da igreja, mas apenas evidenciaram a total destruição dos pisos e mesmo a perturbação do contrapiso pela ação do arado. Outra trincheira (T3) aberta em frente ao altar-mór, evidenciou um supedâneo recente construído para alguma cerimônia religiosa ocasional.

Na residência dos jesuítas foram abertas sondagens nas salas 1, 3 e 4, bem como na cozinha, buscando evidências da ocupação e informações estratigráficas. Entre o pátio da residência e o pátio dos artífices muitas vezes existe um prédio onde se situam a sala de armas (“*armeria*”) e a escola. Uma trincheira e uma pequena sondagem mostraram a sua inexistência em São Lourenço, onde apenas existe aparentemente um muro e um alpendre voltado para o oeste.

Foram feitas diversas sondagens junto à praça central da Missão, procurando informações sobre uma das habitações situada no ângulo sudeste, sobre a rua junto ao local do Cabildo (lado nor-nordeste), sobre a entrada principal da praça ao norte, bem como a noroeste do sítio, no local presumível da olaria.

Muitas destas sondagens foram posteriormente ampliadas e deram origem a escavações em superfícies amplas. Outras procuraram evidenciar detalhes da ocupação da Missão, testando na prática do campo as informações existentes na documentação histórica e oriundas das observações realizadas em outros sítios semelhantes, especialmente São Miguel e São João (Brasil) e São Inácio Mini (Argentina). Elas comprovaram que a generalização feita por muitos ensaístas e mesmo alguns historiadores sobre a igualdade absoluta de todos os povoados missionários, não se mantém. Existem particularidades que emergem dos dados materiais das sondagens e se confirmam nas escavações posteriores, e que futuramente permitirão uma melhor compreensão destes sítios arqueológicos.

6. ESCAVAÇÕES

Até o presente momento, foram escavadas total ou parcialmente as salas 1, 2, 3 e 4 bem como a cozinha, todas pertencentes à residência dos jesuítas. Foi também parcialmente escavada a habitação situada no canto sudeste da praça, anteriormente submetida a sondagens.

a) Sala 1

Situada a leste da residência, separada da igreja por um avarandado, esta sala foi submetida a uma decapagem de grande superfície. Realizou-se igualmente a escavação de uma profunda sondagem para estudo do sistema construtivo junto à soleira da única porta existente nesta sala, voltada para o pátio. Próxima à parede sul, foi escavada uma trincheira leste-oeste para o estudo da estratigrafia. Entre esta trincheira e a parede sul foi mantido um bloco testemunho de 1m², de maneira a termos uma exata leitura da estratigrafia: camada húmica de origem vegetal na parte superior; nível de blocos de pedra basáltica tombados das paredes; nível de fragmentos de telhas caídos diretamente sobre o contrapiso de argila cinza (o piso — se existiu — deve ter sido roubado antes da queda do telhado); camada de saibro constituído de fragmentos de pedra basáltica provavelmente oriundo da talha das pedras que constituem as paredes; na parte inferior, o latossolo de argila avermelhada natural da colina e que constitui um solo estéril de vestígios arqueológicos. Esta seqüência estratigráfica evidencia um sistema construtivo muito semelhante ao observado na sala 4, como vimos anteriormente.

Entretanto, existem algumas peculiaridades que despertam a atenção. Em primeiro lugar a ausência de piso, o que poderia sugerir ter sido este roubado já que o contrapiso se encontra no lugar. Uma lajota de arenito encontrada quando da decapagem indica que o revestimento do solo desta sala pode não ter sido de ladrilhos cerâmicos como os das salas vizinhas. Em segundo lugar, deve ser destacado o deslocamento da soleira de arenito da única porta da sala, de seu lugar de origem para o interior. A inexistência do piso, o deslocamento da pesada soleira, bem como o desaparecimento de toda a parede norte (provavelmente na mesma época que a da sala 4), indicam uma série de perturbações e intervenções de origem antrópica responsáveis pela gradual degradação do sítio arqueológico.

Esta sala oportunizou algumas evidências que indicam uma explicação para a sua utilização na época missioneira. Na parede leste, foram encontradas pequenas aberturas quadradas para a inserção de fortes caibros de madeira, para sustentação de pesada bancada de madeira. Um entalhe escavado no balço da parede sul indica que esta bancada era formada por um pranchão de

madeira grossa e larga. O conjunto sugere uma estrutura de madeira capaz de sustentar grandes pesos, a pouca altura do solo. Outro aspecto importante é que esta sala não apresenta uma porta e uma grande janela, voltadas para a quinta ao sul, mas sim uma seteira formada por blocos de arenito de pequeno porte. Esta seteira se apresenta como uma abertura estreita e retangular que corta a parede na vertical, mais aberta para o interior e estreita para o exterior. Fundada após a Cédula Real de 1679, que aprovava a existência de armas de fogo nas Missões Jesuíticas para a defesa da fronteira dos ataques portugueses, São Lourenço tinha uma sala de armas (“*armeria*”) na residência dos padres, conforme as determinações reais. Isto significa uma sala com paredes de pedra, apenas uma porta de entrada e uma abertura para ventilação e defesa, ou seja uma seteira, e possivelmente uma forte bancada para a colocação de objetos relativamente pesados que no caso de uma “*armeria*” seriam as armas (arcabuzes, arcos e flechas com pontas de metal), barricas de pólvora e balas de chumbo, segundo a documentação histórica. Apesar da forte evidência, esta hipótese ainda deverá ser comprovada.

b) Sala 4

Da residência dos jesuítas resta apenas esta sala que nos possibilita mais informações sobre a parede sul e suas aberturas. Como vimos anteriormente, apresenta uma porta e uma grande janela voltadas para a quinta, o que facilita as tentativas de reconstituição gráfica. A parede voltada para o norte, ou seja, o pátio dos artífices, possui apenas uma porta que se abria originalmente para um alpendre sustentado por colunas de arenito, hoje totalmente destruído.

A escavação desta sala foi muito dificultada pela quantidade de pedras caídas das paredes sobre o piso e sobre as telhas desabadas do telhado. Duas sondagens foram realizadas nesta sala: uma ao centro, aproveitando um buraco aberto talvez por caçadores de tesouro; outra no ângulo noroeste, mais profunda, evidenciou as fundações das paredes norte (voltada para o pátio) e oeste (intermediária com a sala 5, e talvez por isto menos profunda que a anterior). A estratigrafia já foi descrita anteriormente, sendo muito semelhante às das salas 1 e 2. A sala foi escavada segundo a metodologia de *open area*, ou seja, decapagem de grande superfície, colocando à vista os fragmentos de ladrilhos cerâmicos hexagonais remanescentes. Segundo as evidências, também o piso cerâmico desta sala foi roubado, pois apenas restavam fragmentos pequenos e alguns ladrilhos quebrados. Um pequeno bloco testemunho junto à parede norte conserva a estratigrafia global.

c) Cozinha

Situada ao lado do refeitório, no prolongamento das salas da residência dos jesuítas, no ângulo sudeste do pátio dos artífices, a cozinha tem a sua localização sempre muito precisa na documentação histórica. Em São Lourenço, ela apresenta ainda a peculiaridade de possuir instalado no corpo da parede oeste um tanque de água escavado em uma única pedra de arenito, e que provavelmente deveria servir igualmente para alguma atividade na sala contígua, do pátio dos artífices.

As escavações realizadas em parte desta sala foram desenvolvidas em dois momentos distintos, seguindo metodologias diversas. Num primeiro momento, decidiu-se fazer uma sondagem junto ao ângulo noroeste da sala. A retirada das pedras caídas das paredes foi penosa, mas efetuou-se finalmente uma sondagem de dois metros quadrados. A estratigrafia mostrou-se perturbada por um buraco de caçadores de tesouro bem junto ao ângulo das duas paredes. Entretanto, a maior parte da área desobstruída para a escavação foi muito rica em informações: restos de fogueiras (cinzas e fragmentos de carvão), vestígios ósseos evidenciando as espécies utilizadas para a alimentação carnívora (animais domesticados e caçados), uma ponta de flecha de metal encontrada junto aos restos ósseos, etc. Num segundo momento, decidiu-se isolar este setor por uma berma e escavar o restante da área contígua à parede oeste, em frente ao tanque de água. Realizou-se uma escavação cuidadosa, metro a metro, tentando uma compreensão da estratigrafia muito complexa, onde se alternam diversos níveis de lentes de fogueiras com cinza e carvão, além de abundantes vestígios ósseos. Esta área da cozinha demonstra a presença do indígena através da cocção dos alimentos em fogueiras semelhantes às que se encontram nos sítios pré-históricos. É possível que ainda se venha a encontrar no restante da área a ser escavada, algum tipo europeu de fogão de pedra, como o que se observa na cozinha dos jesuítas em São Inácio Mini. A berma foi mantida enquanto haviam ainda dúvidas quanto à estratigrafia (cuja metade superior estava invertida pelas perturbações do solo arqueológico pelos caçadores de tesouros), e foi recentemente removida para se aumentar a área a ser submetida à decapagem.

d) Habitação junto à praça

Decidiu-se pela realização de uma escavação mais ampla na habitação junto ao ângulo sudeste da praça, para termos informações para este tipo de edificação, ainda pouco estudado.

Após as sondagens iniciais, decidiu-se pela ampliação da área escavada, procurando-se conhecer mais detalhes sobre a sala localizada ao sul da habitação, ao mesmo tempo em que se realizavam novas sondagens na parte norte.

A estratigrafia desta habitação apresentou alguns aspectos novos que nos sugerem uma interpretação distinta daquela que imaginamos para a reconstituição gráfica idealizada da residência dos jesuítas, a partir dos dados da sala 4.

Em primeiro lugar, destaca-se a base feita com pedras basálticas do avarandado que circundava a casa. Os blocos evidenciados são de tosca feita e deveriam ser cobertos por argila e algum tipo de piso formado por ladrilhos de cerâmica ou lajotas de arenito. Observou-se uma base da coluna que sustentava a parte central do telhado voltada para o sul, no lado mais estreito da habitação, talhada em arenito. Segundo Furlong, seriam do mesmo tipo das que se encontravam na residência.⁸

Em segundo lugar, deve se destacar que só encontramos as fundações das paredes desta habitação, situadas ao nível do solo atual, sem vestígios das paredes, ao contrário da residência dos jesuítas, na qual parte das paredes ainda são visíveis e se encontram em seu lugar de origem, com as pedras tombadas ainda cobrindo os solos e as telhas caídas. Uma primeira interpretação seria imaginar que as paredes poderiam ter sido construídas com outro tipo de material (a taipa de pilão, por exemplo, como o Padre Florian Paucke⁹ indica em uma pintura da época?). A documentação histórica indica uma outra interpretação, pois segundo Hemeterio Silveira,¹⁰ antes dos meados do século XIX, as casas do povoado de São Lourenço haviam sido demolidas e seus materiais transportados para a construção das habitações dos novos colonizadores que se instalavam pouco a pouco na região abandonada. Neste período, podem ter desaparecido as colunas roliças talhadas em monólito de arenito, semelhantes às que existiam na residência dos missionários, e que parecem ter ornado a praça e sustentado os alpendres.

Finalmente, deve ser assinalada a presença de uma compacta camada de argila cinza na estratigrafia, acima do nível de telhas tombadas do telhado. Sabemos a proveniência desta argila cinza. Ela é oriunda das vertentes que se encontram nas encostas da colina e foi transportada para o local da construção do povoado com objetivos muito precisos. Entretanto, esta camada se encontra acima dos níveis de ocupação (contrapiso e piso) e das telhas fragmentadas, e deve ter portanto caído sobre o conjunto da estratigrafia depois do abandono das casas e do telhado ter desabado. Em São Miguel¹¹ existe ainda hoje remanescentes dos tijolos de adobe, feitos de argila cinza e secos ao sol, que completavam a parte superior das paredes internas, sob o telhado. Esta argila ficou exposta às intempéries, quando o telhado terminou por desabar por falta de cuidados. No século XIX, quando as habitações em torno da praça foram desmanteladas, estes tijolos de adobe terminaram por formar uma espessa camada acinzentada no topo da estratigrafia, mais densa no interior da habitação junto à parede interna. Esta explicação deverá ser testada com a

continuação das escavações, mas parece ser uma hipótese verossímil, no estado atual dos conhecimentos tanto dos arquitetos como dos arqueólogos.

7. FUTURAS PESQUISAS

O projeto atualmente em andamento prevê a escavação total do sítio de São Lourenço. Para isto, será necessário continuar a realização de sondagens nas áreas que serão escavadas futuramente. A ampliação das escavações oportunizará um melhor conhecimento da organização do espaço e das atividades que foram desenvolvidas em cada uma das áreas de ocupação. Por outro lado, os diversos cortes estratigráficos deverão esclarecer melhor os sistemas construtivos empregados em cada uma das áreas de atividade do povoado.

Estão em curso as análises de laboratório sobre os vestígios arqueológicos encontrados: implementos líticos, restos ósseos da alimentação, fragmentos de recipientes cerâmicos, de ladrilhos e de telhas, utensílios em ferro, louça européia, etc. Estas análises deverão ser acompanhadas de estudos comparativos com o material arqueológico encontrado em outros sítios da região missioneira (São Miguel, São João e São Nicolau).

Os trabalhos arqueológicos de campo e de laboratório em curso tornam-se cada vez mais complexos, o que torna imprescindível a instalação de um sítio-escola que possa estimular e assegurar a formação de recursos humanos mais especializados. Paralelo a isto, deverá continuar a se desenvolver a formação através de estágios de campo e de laboratório. Acordos de cooperação técnica estão sendo providenciados para propiciar este aprimoramento, através de estágios e cursos de pós-graduação a serem realizados em instituições especializadas internacionais.

NOTAS

* Projeto "Arqueologia Histórica Missioneira" (Acordo de Cooperação Técnica SPHAN, UFRGS, PUCRS, FISC. Financiamento: Fundação Nac. Pró-Memória e CNPq).

** Professor da UFRGS, PUCRS e FUNDAMES.

1. A crítica a este tipo de historiografia foi desenvolvida por mim anteriormente. Ver: Kern, Arno Alvarez. Problemas teórico-metodológicos relativos à análise do processo histórico missioneiro. *Anais* (VI Simpósio Nacional de Estudos Missioneiros), 1985. p. 27-42.
2. Kern, Arno Alvarez. O processo histórico platino no século XVII: da aldeia guarani ao povoado missioneiro. *Estudos Iberoamericanos*, 11(1): 22-41, 1985.
3. Kern, Arno Alvarez. *Missões: uma utopia política*. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1982.

4. Porto, Aurélio. *História das Missões Orientais do Uruguai*. Porto Alegre, Selbach, 1945. p.70. Furlong, Guilherme. *Misiones y sus pueblos de Guaranies*. Buenos Aires, Balmes, 1962. p.143-4.
5. Saint-Hilaire, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul (1820-1821)*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1974. Ave-Lallement, Robert. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Belo Horizonte/São Paulo, Itatiaia/EDUSP, 1980. Silveira, Hemetério J.V. *As Missões Orientais e seus antigos domínios*. Porto Alegre, ERUS, 1979.
6. Este tipo de reconstrução gráfica procura explicar a formação do sítio arqueológico. É desenvolvida pelos arqueólogos ingleses: Webster Graham. *Practical Archaeology*. London, Black, 1963. p.79; Barker, Philip. *Understanding Archaeological Excavation*. London, Batsford, 1986. p.12-7.
7. Para Furlong (opus cit., p.144) estas colunas teriam capitéis jônicos. Ave-Lallement se refere a colunas talhadas em um só bloco, de arenito, como a que se pode ver ainda hoje no cemitério de São Lourenço. As colunas da residência dos jesuítas em São Luiz Gonzaga possuíam como detalhes ornamentais peças de madeira com entalhes em volutas, semelhante ao estilo jônico, colocadas ao lado do capitel, sob a trave de madeira do alpendre. Estas ornamentações se encontram atualmente no museu de São Miguel. É possível que a referência aos "capitéis jônicos" possa se relacionar com este tipo de decoração.
8. Furlong, locus cit.
9. Paucke, Florian. *Jesuiten mission in Paraguay (1748-1769)*. Viena, Wilhelm Braumüller, 1959-66, 2 vol.
10. Silveira, H. opus cit., p.203.
11. Luz, Maturino. Comunicação pessoal, janeiro de 1987. Custodio, Luis Antônio. Comunicação pessoal, junho de 1988.

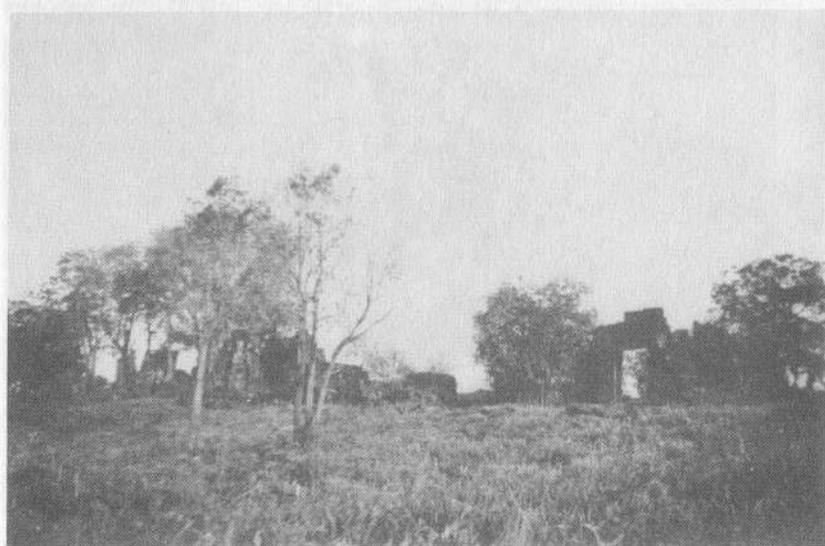


Fig. 06 – Missão Jesuítico-Guarani de São Lourenço Mártir. Vista geral do claustro dos jesuítas.



Fig. 07 – Sala 4 da residência dos jesuítas. Escavação pelo método de decapagem.

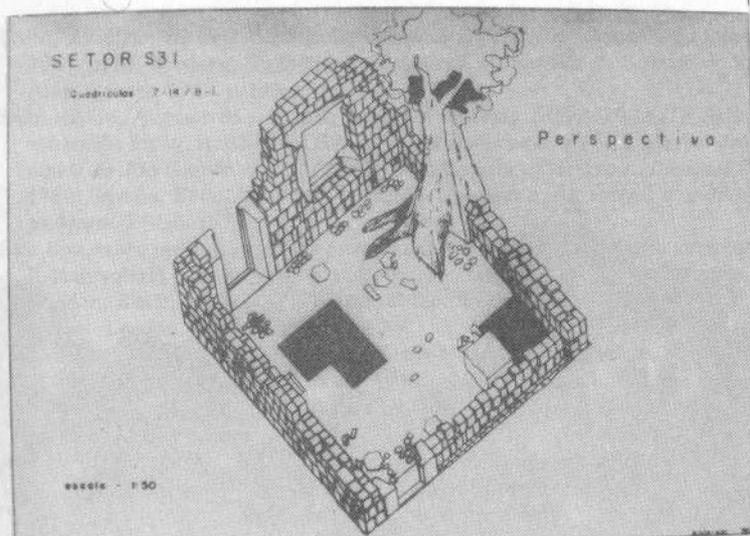


Fig. 08 – Perspectiva da sala 4 da residência dos jesuítas, após a realização da escavação. Evidenciam-se os poços teste e o bloco testemunho.

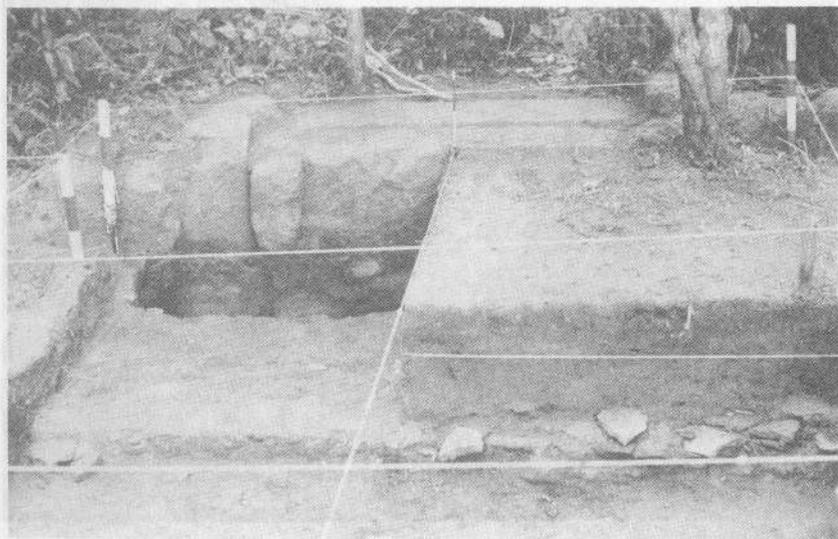


Fig. 09 – Poço teste evidenciando os fundamentos e o contrapiso de habitação junto à praça.



Fig. 10 – Escavação da sala 1 da residência dos jesuítas, pelo método de decapagem. Provável sala de armas da missão de São Lourenço.

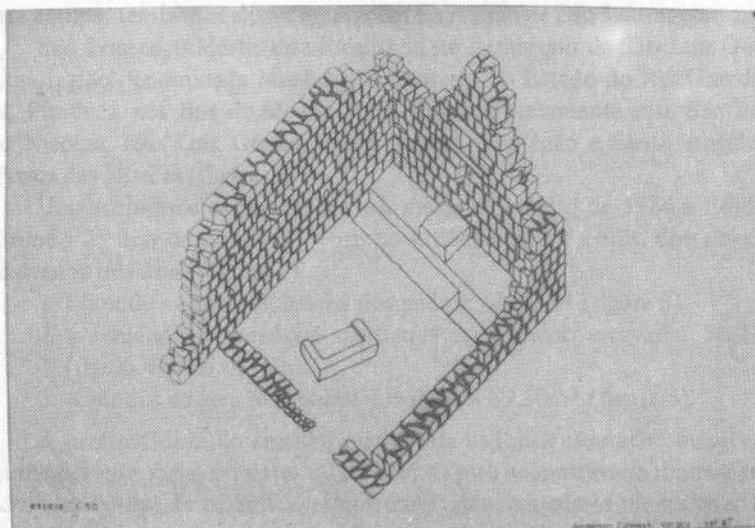


Fig. 11 – Perspectiva da "Armeria" (sala 1) da residência dos jesuítas, percebe-se a seteira na parede ao fundo e a soleira da porta deslocada de sua posição original.